

Lição 1. Ciência e fé: conflito inevitável ou falso dilema?

Por que a ideia de guerra entre ciência e religião é uma construção recente, e como a história da ciência pode fortalecer a confiança do cristão

“A ciência sem religião é manca; a religião sem ciência é cega.”

ALBERT EINSTEIN

Nota: Einstein não era cristão no sentido tradicional: ele rejeitava a ideia de um Deus pessoal. Mas reconhecia que ciência e pensamento religioso se complementam. Que até ele tenha dito isso é revelador.



A pergunta da aula: ciência e fé são inimigas naturais ou essa guerra foi construída por uma narrativa recente?

A resposta em 30 segundos: a história real é mais rica do que o slogan do conflito. A ciência moderna cresceu num ambiente marcado por ideias cristãs, e a fé bíblica não é crença sem evidência, mas confiança racional em Deus. A ideia de que ciência exige excluir Deus é uma interpretação filosófica, não uma conclusão científica.

Guarde esta ideia: longe de serem inimigas, a boa ciência e a fé cristã autêntica são grandes parceiras. A fé nos revela o propósito da existência do universo; a ciência desvenda a genialidade de como ele funciona.

NESTA LIÇÃO VOCÊ VAI PASSAR POR TRÊS PISTAS:

01

História:

a narrativa da guerra entre ciência e religião tem origem recente.

02

Fundamentos:

a ciência moderna depende de ideias que combinam com a fé cristã.

03

Fé racional:

crer não significa abandonar evidências.

Antes de começar

Você já ouviu na universidade algo como: “Religião e ciência são como óleo e água, não se misturam”? A frase parece óbvia. De um lado, laboratórios, experimentos, revisão por pares. Do outro, dogmas, tradições, textos sagrados. Um mundo baseado em evidência, outro em crença.

Mas quando olhamos de perto, o quadro muda. Isaac Newton escreveu muito sobre teologia. Gregor Mendel, o pai da genética, era monge. Francis Collins, que liderou o Projeto Genoma Humano, é cristão declarado. A lista se estende por séculos.

Se ciência e fé fossem realmente incompatíveis, seria difícil explicar por que tanta ciência de primeira linha veio, e continua vindo, de pessoas religiosas. A narrativa do conflito não apenas simplifica a história; ela apaga contribuições cristãs importantes e transforma uma leitura filosófica naturalista em senso comum cultural.

Pare e pense: se ciência e fé são incompatíveis, por que tantos fundadores e praticantes importantes da ciência foram pessoas religiosas?

O que está em jogo

A ideia de uma guerra permanente entre ciência e religião foi popularizada no fim do século XIX por John William Draper e Andrew Dickson White. A história era simples e poderosa: a Igreja reprimindo a ciência, Galileu perseguido e religiosos contra cientistas esclarecidos.

A narrativa do conflito também tem história

A ideia de guerra permanente entre ciência e fé foi popularizada, depois revisada por historiadores.



Historiadores da ciência hoje rejeitam essa narrativa simplificada. Ronald Numbers, que não era cristão, organizou uma coletânea desmontando vários mitos sobre ciência e religião (NUMBERS, 2009). Até o caso Galileu envolve política, disputas internas e erros científicos do próprio Galileu. Não foi uma oposição simples entre “razão” e “fé” (LINDBERG; NUMBERS, 1986).

A objeção mais forte hoje não depende da história. Richard Dawkins e Daniel Dennett dizem que fé é *crença sem evidência*, ou até *contra a evidência* (DAWKINS, 2006; DENNETT, 2006). Essa definição é forte retoricamente, mas fraca biblicamente e historicamente: ela redefine a fé cristã de modo caricatural para depois rejeitá-la. É essa versão, a mais difícil, que esta lição enfrenta.

Pista 1: O mito do conflito

Começamos pelo mito mais popular: o de que cristãos medievais acreditavam numa Terra plana até Colombo provar o contrário. Essa história é falsa. A forma esférica da Terra era aceita por pensadores cristãos medievais. Colombo não enfrentou oposição teológica, mas geográfica: especialistas achavam, corretamente, que ele havia subestimado o tamanho do planeta (RUSSELL, 1991).

O episódio não é um detalhe trivial: ele revela o método do “mito do conflito”. Escolhe-se um caso, simplifica-se drasticamente, e generaliza-se. Quando historiadores sérios examinam caso por caso (Galileu, Darwin, o julgamento de Scopes), o padrão de guerra não se sustenta.

Ideia-chave: a narrativa do conflito usa episódios reais, mas os conta de modo seletivo e simplificado.

Pista 2: A ciência moderna nasceu em solo cristão

O filósofo e matemático John Lennox, de Oxford, argumenta que a ciência moderna não surgiu apesar do cristianismo, mas em grande medida por causa dele (LENNOX, 2011). A tese é historicamente defensável por três razões:

1. **A natureza pode ser compreendida.** Se o universo é obra de um Criador racional, faz sentido esperar que tenha leis ordenadas e acessíveis à mente humana. Essa ideia, hoje quase óbvia, não era compartilhada por todas as culturas.
2. **A natureza poderia ser diferente.** Como Deus criou livremente, não descobrimos as leis naturais só pensando; precisamos observar. Essa é a base do método experimental.
3. **A mente humana é confiável.** Criada à imagem de um Deus racional, a mente humana tem capacidade (ainda que limitada) de compreender a criação.

Essas ideias aparecem em nomes como Kepler, Boyle e Newton. Kepler via suas descobertas como uma forma de compreender a ordem criada por Deus. Robert Boyle, chamado por muitos de pai da química moderna, financiou palestras públicas em defesa da fé cristã (STARK, 2003).

A ciência como forma de glorificar a Deus

Para os pioneiros da revolução científica, pesquisar a natureza não afastava a mente do Criador; pelo contrário, era uma forma de glorificá-lo. O astrônomo Johannes Kepler, ao desvendar as leis do movimento planetário, considerava os cientistas como verdadeiros sacerdotes do Deus Altíssimo diante do grande livro da natureza. Para ele, o trabalho de pesquisa científica se resumia à incrível capacidade humana de repensar os pensamentos de Deus após Ele tê-los concebido no universo (KEPLER apud LENNOX, 2011).

Três premissas que ajudaram a ciência moderna

A fé cristã histórica encorajou a expectativa de um universo ordenado, observável e compreensível.

1

Natureza inteligível

Se o mundo foi criado por um Deus racional, faz sentido buscar leis na criação.

2

Natureza contingente

Como Deus criou livremente, precisamos observar o mundo, não apenas deduzir.

3

Mente confiável

Criada à imagem de Deus, a mente humana pode conhecer a ordem da criação.

Essas ideias tornaram a investigação científica plausível e desejável.

Pista 3: Fé não é crença sem evidência

A definição de fé como “crença sem evidência” é retórica, não bíblica. O texto cristão central sobre fé, Hebreus 11.1, descreve a fé como a certeza do que esperamos e a prova das coisas

que não vemos (Hebreus 11.1, NVI). Na Bíblia, fé não é fechar os olhos para a realidade. É confiança em Deus com base em quem ele é, no que ele fez e nas razões que ele nos deu.

Alister McGrath argumenta que a fé cristã é melhor entendida como *confiança baseada em evidência suficiente* (MCGRATH, 2015). Ninguém repete todos os experimentos da física antes de aceitar seus resultados. Confiamos em dados, testemunhos e investigação acumulada. Isso também é uma forma de confiança racional.

C. S. Lewis foi ainda mais direto: fé, em sentido cristão, é *manter aquilo que sua razão já aceitou, apesar das variações de humor* (LEWIS, 2017). Ou seja: **fé usa a razão, não foge dela.**

Se você só lembrar de uma frase: fé cristã não é desligar a razão, mas confiar em Deus com razões suficientes.

Objeções comuns

Objecção 1: “A ciência já explicou tudo o que a religião tentava explicar.”

Essa objeção confunde tipos de explicação. Perguntar por que a água ferve admite duas respostas: porque as moléculas se agitam sob certa pressão, ou porque alguém quer fazer chá. As duas respostas não competem. **A ciência responde como; a fé e a filosofia perguntam por que.** Confundir os níveis é o que Lennox chama de “erro de categoria” (LENNOX, 2011).

Objecção 2: “Acreditar em milagres é rejeitar o método científico.”

O argumento clássico vem de David Hume: milagres violariam as leis da natureza, então nunca deveríamos aceitá-los. O problema é que isso assume, desde o começo, que milagres não ocorrem. Além disso, a ciência descreve regularidades; ela não prova que Deus, se existe, não possa agir na criação. A pergunta real passa a ser: existe tal Deus?

Para conversar na universidade

Na sala de aula, o conflito raramente aparece como argumento explícito. Aparece como *ironia*, como *assumido*, como *o que pessoas inteligentes obviamente pensam*. O desafio não é vencer um debate formal: é não ceder à pressão social de aceitar uma versão caricata da própria fé como se fosse fato acadêmico.

Na prática, isso significa: distinguir *ciência* de *filosofia da ciência*, reconhecer quando um professor está saindo do seu campo de competência, e ser capaz de nomear isso com cordialidade. Também significa estudar a história real da ciência, não apenas sua versão de manual. Um cristão universitário bem informado raramente precisa de discursos; precisa de perguntas bem colocadas.

Uma pergunta que abre conversa: “Isso é uma conclusão científica demonstrada ou uma interpretação filosófica dos dados?”

Essa pergunta costuma baixar a temperatura da discussão porque desloca a conversa do slogan para o método.

Fechando o caso

O “eterno conflito” entre ciência e fé é uma história popularizada no século XIX, não um retrato fiel da realidade. A ciência moderna nasceu num ambiente profundamente cristão, sustentada por ideias que o cristianismo ajudou a formar. E a fé cristã clássica não se define contra a razão, mas em parceria com ela.

O caso cumulativo

História:

a ideia de que ciência e fé são inimigas é apenas um mito; os grandes pioneiros da ciência eram homens guiados por sua fé.

Ciência:

a pesquisa científica moderna nasceu da profunda convicção cristã de que o universo foi desenhado por um Criador inteligente e organizado.

Fé:

crer em Deus não é dar um “salto no escuro”, mas sim construir uma confiança firme baseada em ótimas evidências e na razão.

Conclusão:

o estudante cristão pode ingressar na universidade com confiança na solidez de sua fé.

Esta primeira lição estabelece um ponto simples e importante para a conversa universitária: **a pergunta sobre Deus é racionalmente legítima**. O cristão não precisa entrar na universidade sentindo que deixou a razão do lado de fora. A partir daqui, o restante da revista pergunta o que podemos saber sobre a origem do universo, da vida, da Bíblia e da ressurreição.

Uma frase para guardar: a ciência bem feita não precisa expulsar Deus; ela pode despertar admiração pelo Criador.

Explore mais

- MCGRATH, Alister. *A ciência de Deus*. São Paulo: Shedd Publicações, 2016. Introdução em português à relação entre ciência, fé cristã e teologia, escrita por um autor com formação científica e teológica.
- LENNOX, John C. *Por que a ciência não consegue enterrar Deus*. São Paulo: Mundo Cristão, 2011. Resposta acessível aos argumentos do novo ateísmo, com atenção aos limites da ciência e aos pressupostos filosóficos do naturalismo.
- NUMBERS, Ronald (org.). *Galileo Goes to Jail and Other Myths About Science and Religion*. Cambridge: Harvard University Press, 2009. Obra ainda importante, sem edição portuguesa amplamente disponível, para desfazer mitos históricos sobre o suposto conflito permanente entre ciência e fé.

Lição anterior: *Introdução*

Próxima lição: *Deus como Criador: fé ou evidência?*

Referências

- LENNOX, John C. *Gunning for God: Why the New Atheists are Missing the Target*. Oxford: Lion Hudson, 2011.
- LEWIS, C. S. *Cristianismo puro e simples*. Tradução Gabriele Greggersen. São Paulo: Thomas Nelson Brasil, 2017.
- LINDBERG, David C.; NUMBERS, Ronald L. (org.). *God and Nature: Historical Essays on the Encounter between Christianity and Science*. Berkeley: University of California Press, 1986.
- MCGRATH, Alister. *Inventing the Universe: Why We Can't Stop Talking About Science, Faith and God*. London: Hodder & Stoughton, 2015.
- NUMBERS, Ronald (org.). *Galileo Goes to Jail and Other Myths About Science and Religion*. Cambridge: Harvard University Press, 2009.
- RUSSELL, Jeffrey Burton. *Inventing the Flat Earth: Columbus and Modern Historians*. New York: Praeger, 1991.

STARK, Rodney. *For the Glory of God: How Monotheism Led to Reformations, Science, Witch-Hunts, and the End of Slavery*. Princeton: Princeton University Press, 2003.

BÍBLIA. *Bíblia Sagrada: Nova Versão Internacional*. São Paulo: Editora Vida, 2000.

DAWKINS, Richard. *The God Delusion*. New York: Houghton Mifflin, 2006.

DENNETT, Daniel C. *Breaking the Spell: Religion as a Natural Phenomenon*. New York: Viking, 2006.